

## União Europeia elege Erasmus para combater desemprego

Nas duas últimas décadas, mais de dois milhões de alunos europeus do ensino superior, entre os quais 50 mil portugueses, estudaram noutro país da Europa ao abrigo do programa Erasmus, lançado em 1987. O marco dos dois milhões foi atingido em 2009, mas no conjunto todos estes jovens não representam mais de quatro por cento dos estudantes europeus. Por ano, esta percentagem não foi além dos 0,9.

O objectivo fixado pela Comissão Europeia é o de se atingir três milhões de estudantes Erasmus em 2012. Para ser alcançado, o total de alunos em mobilidade por ano terá mais do que duplicar o número recorde alcançado em 2008/2009, quando 198.568 jovens beneficiaram do programa. Nada garante que esta seja uma meta exequível, até porque os últimos dados divulgados dão conta de uma tendência de estagnação ou mesmo de declínio na Alemanha, Polónia e Reino Unido, que estão entre os seis principais países no envio de estudantes para o estrangeiro.

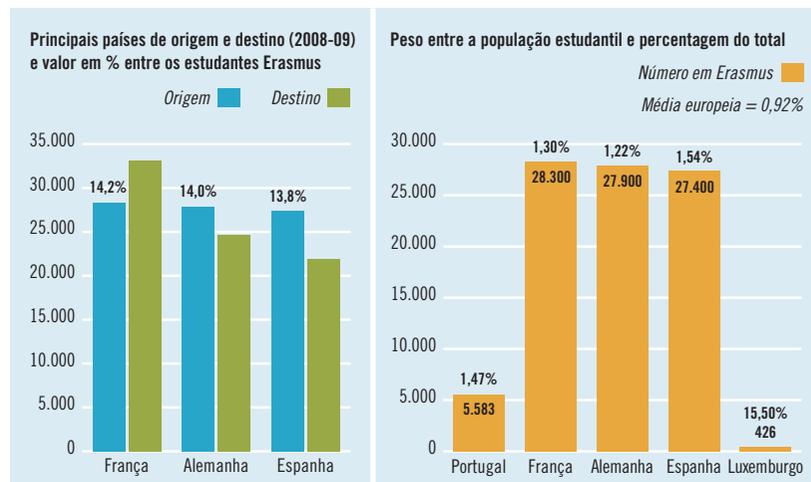
Esta tendência de abrandamento regista-se entre os jovens que procuram o programa Erasmus para estudar noutro país. Pelo contrário, em 2009 registou-se um aumento de mais de 50 por cento entre aqueles que beneficiaram do programa para realizar um estágio fora, uma nova valência do Erasmus lançada em 2007. Mas no conjunto dos alunos em mobilidade, estes representam ainda apenas cerca de 15 por cento.

Num relatório divulgado em 2010, a CE chamou a atenção para o facto de, dos 31 países que integram o Erasmus (todos os Estados membros da UE, Islândia, Liechtenstein, Noruega e Turquia), serem muitos poucos os que têm desenvolvido campanhas activas de promoção da iniciativa. Por outro lado, frisou, são também poucos os que estabeleceram metas para a mobilidade estudantil enquanto parte da sua estratégia para o desenvolvimento do ensino superior.

42 por cento dos estudantes em mobilidade no âmbito do Erasmus são oriundos de três países – França, Alemanha e Espanha. Estes são também os três países de destino escolhidos por 40 por cento dos estudantes Erasmus. A Espanha tem permanecido como principal país de destino.

A concentração, numa meia dúzia de países, dos principais fluxos dos jovens em mobilidade repete-se a nível intercontinental. No mundo, 50 por cento dos estudantes em mobilidade são asiáticos (com os chineses muito à frente).

Entre os originários dos países da OCDE, os estudantes da Coreia, Alemanha, Turquia, França e Japão são os mais representados. Quanto aos países de acolhimento, metade dos 3,3 milhões de estudantes que, em 2008, estavam em programas de mobilidade no mundo fixaram-se em apenas cinco: Estados Unidos (19 por cento), Reino Unido (10 por cento), Alemanha (7,3 por cento), França (7,3



### Estudantes e professores em mobilidade internacional.

\* Inclui tanto os estudantes que beneficiaram do Erasmus para estudar, como para estágios. Fonte: UE, OCDE.

por cento) e Austrália (7 por cento). No relatório "Education at a Glance 2010", a OCDE constata que há novos actores a emergir neste mercado, que descreve como muito competitivo. Em oito anos, a percentagem dos que escolheram os Estados Unidos baixou de 26 para 19 por cento e encontra-se também em regressão na Alemanha e no Reino Unido. Em contrapartida, o número daqueles que procuraram a Federação da Rússia aumentou de dois para quatro por cento.

Os chineses também são maioritários entre os 8.385 bolsseiros do programa Erasmus Mundus. Esta iniciativa, destinada apenas a mestrados e doutoramentos, alarga a atribuição de bolsas a originários de países fora do espaço da UE, os quais também podem ser escolhidos como destino por jovens europeus. Das cerca de 10 mil bolsas concedidas em 2009/2010, 1561 foram atribuídas a europeus.

### Desigualdade no acesso

Inquéritos realizados junto dos estudantes que têm beneficiado do Erasmus dão conta de que mais de metade diz conhecer outros alunos que não puderam participar nele por razões económicas. Outros tantos afirmam que a bolsa atribuída lhes foi insuficiente para cobrir as despesas.

A bolsa Erasmus é apresentada como um subsídio que se destina apenas a custear a viagem e a ajudar nas despesas derivadas do facto de o estudante se encontrar fora do seu local de residência. Os valores são revistos anualmente — os máximos são iguais para todos os países — e, entre outras variáveis, são diferentes segundo o país de destino escolhido.

O seu valor médio passou de 140 para 272

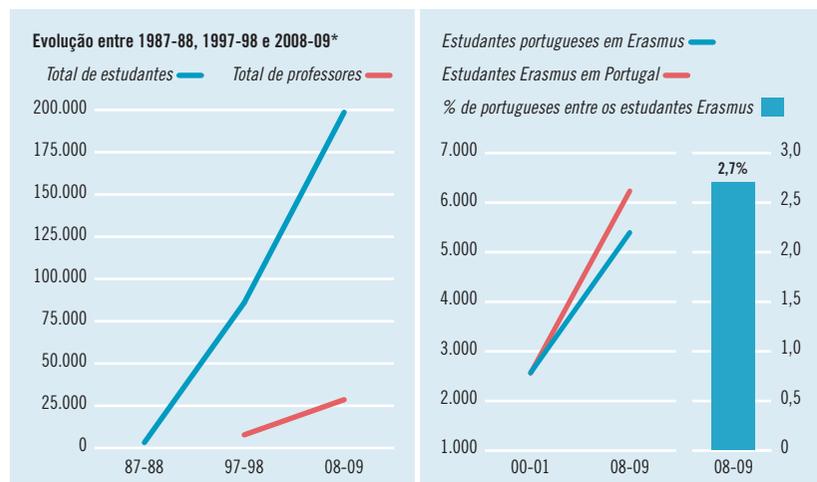
euros por mês entre 2000 e 2009. Em Portugal ronda os 300 (varia, mais uma vez em valores médios, entre 202 euros para quem tiver como destino a Roménia e 434 para os que forem estudar no Reino Unido ou na Noruega). Desde 2007, existe também uma bolsa suplementar, para estudantes com dificuldades económicas que já sejam beneficiários da Acção Social. Este reforço não pode ser inferior a metade da bolsa mínima Erasmus (200 euros, em Portugal).

“O programa Erasmus foi precursor da reforma de Bolonha [...] que tem tornado possível a mobilidade estudantil e a criação de um espaço académico europeu.”

Muitos inquiridos referiram que o estatuto socioeconómico dos seus pais é igual ou superior à média nacional do seu país.

A desigualdade de acesso não se faz sentir só entre indivíduos, mas também entre países. No espaço Erasmus coabitam algumas das economias que, na tabela do FMI do PIB *per capita* estão entre as 10 mais poderosas do mundo e outras que figuram bem mais abaixo. Em tempo de contenção e corte de despesas, a Comissão Europeia já alertou que um desinvestimento no Erasmus poderá comprometer as metas de expansão fixadas, as quais integram a estratégia Europa 2020.

Aprovada pela Comissão Europeia em Junho de 2010 para suceder à estratégia de Lisboa, a nova agenda aposta no conhecimento e no



### Estudantes e professores em mobilidade internacional.

\* Mobilidade de e para os 31 países que integram o programa Erasmus (países da UE-27 + Islândia, Liechtenstein, Noruega e Turquia). Fonte: UE, OCDE.

crescimento sustentável e inclusivo como meios para assegurar a saída da crise.

Segundo a Comissão Europeia, o programa Erasmus pode contribuir para estes objetivos, garantindo aos jovens competências para singrar numa sociedade competitiva e baseada no conhecimento. O prognóstico europeu é que, até 2020, 35 por cento dos novos empregos exigirão qualificações de alto nível e outros 50 por cento qualificações de nível médio.

### Mobilidade também para o primeiro emprego

A mobilidade internacional foi, aliás, eleita pela CE como uma das apostas centrais para combater o desemprego e aumentar a formação dos jovens. Para este efeito, foi lançado em Setembro de 2010 o programa “Youth on The Move”, apresentado como uma das “iniciativas emblemáticas” da nova estratégia europeia.

No âmbito deste programa, pretende-se reforçar a mobilidade dos estudantes europeus e alargar o “espírito” Erasmus aos jovens que já estão no mercado de trabalho ou que se encontram à procura de primeiro emprego.

Em 2010, cinco milhões de jovens estavam nesta última situação, mais um milhão do que aqueles que se encontravam à procura do primeiro emprego quando do início da actual crise. No conjunto da União Europeia, o desemprego entre os jovens é de cerca de 21 por cento.

A Comissão Europeia argumenta que, ao incentivar-se um maior número de jovens a tirar partido das subvenções da UE para estudar ou frequentar um curso de formação

noutro país, estará a aumentar-se a sua empregabilidade e o seu acesso ao mercado de trabalho. A este propósito refere que “estudos independentes” indicam que mais de 40 por cento dos empresários dão importância à experiência obtida com estudos e trabalho no estrangeiro.

Os dados estatísticos que se encontram coligidos não fornecem indicações sobre o grau de sucesso académico que os estudantes Erasmus obtiveram durante o seu período de estudos no exterior. Num inquérito realizado, em 2007, pelo Erasmus Student Network, a que responderam oito mil jovens, 52 por cento afirmaram ter concluído todas as disciplinas, 28 por cento a maioria, 13 por cento metade, 7 por cento só algumas e outros 7 admitiram não ter feito nenhuma.

Entre os principais impactos positivos da experiência identificados pelos jovens figuram maiores competências linguísticas e mudanças tanto no modo de encarar outros povos, como o estudo e o trabalho.

O programa Erasmus foi precursor da reforma de Bolonha, antecipando com uma década de antecedência o sistema de transferência de créditos entre Universidades que tem tornado possível a mobilidade estudantil e a criação de um espaço académico europeu. A mobilidade foi apresentada como o objectivo âncora da reforma de Bolonha. Cerca de 200 mil professores também já beneficiaram do Erasmus tanto para formação, como para ministrar o seu ensino noutros países europeus. A bolsa média mensal atribuída aos docentes ronda os 700 euros.

À excepção de 1996, o número de estudantes em Erasmus tem subido todos os anos, em-

bora o ritmo de crescimento tenha abrandado entre aqueles que procuram outros países para estudarem. Por comparação com o ano anterior, o número de estudantes nesta situação aumentou 3,4 por cento em 2008/09, mas esta percentagem mais do que duplica quando a estes se acrescentam os jovens que beneficiaram do Erasmus para a realização de estágios, aos quais são concedidas bolsas mensais com um valor médio de 430 euros. Esta é uma nova valência lançada em 2007, quando o Erasmus foi integrado no “Lifelong Learning Programme”. O incremento da formação ao longo da vida foi um dos principais objetivos da estratégia de Lisboa com vista a aumentar as qualificações da população. Tem também na base a assunção de que, dado o declínio demográfico, o crescimento do ensino superior terá que ser feito com base na captação de outros públicos que não apenas os dos jovens que estão em idade de frequentar este nível de ensino.

Em 2008/2009, entre os 198.600 estudantes Erasmus, 30.400 estavam a realizar estágios noutro país, o que constituiu um aumento de mais de 50 por cento neste segmento. Os sectores da educação, ciência, saúde, serviços sociais e indústria foram os que garantiram mais estágios. À semelhança do que tem sucedido com os que beneficiam do Erasmus apenas para estudos, a França (4.700) e a Alemanha (4.500) são os dois países que contribuíram com mais jovens para este novo programa. Nestas acções, e ao contrário do que tem acontecido nas deslocações só para estudos, o Reino Unido está entre os três primeiros países que mais enviaram e receberam estudantes para estágios. A Espanha mantém a sua posição de destino mais popular e a Alemanha é o terceiro destino mais procurado. Portugal enviou 562 jovens para este programa e recebeu 502.

Em 2008/09, no conjunto, Portugal recebeu 6.234 estudantes e enviou 5.396, o que nesse ano representou cerca de três por cento do total de estudantes Erasmus. Espanha, Itália e Polónia são os principais países de destino dos alunos portugueses e a proporção dos estudantes originários destas nações é também a mais significativa entre os que procuram Portugal.

Segundo a OCDE, a língua em que é ministrada a formação é um dos factores que mais pesa na escolha dos destinos pelos estudantes em mobilidade no mundo. A língua marca

também outra fronteira: há mais estudantes da área de ciências a procurar os países anglo-saxónicos ou que garantam formação em inglês, enquanto os das ciências humanas e artes estão melhor representados entre os que escolhem outros destinos. ■

### OBJECTIVOS PARA 2020

A iniciativa “Juventude em Movimento”, lançada pela Comissão Europeia em Setembro de 2010 para incrementar a mobilidade internacional dos jovens, é apontada como um dos instrumentos que terão “um papel importante” na concretização de três dos cinco grandes objetivos da nova estratégia Europa 2020.

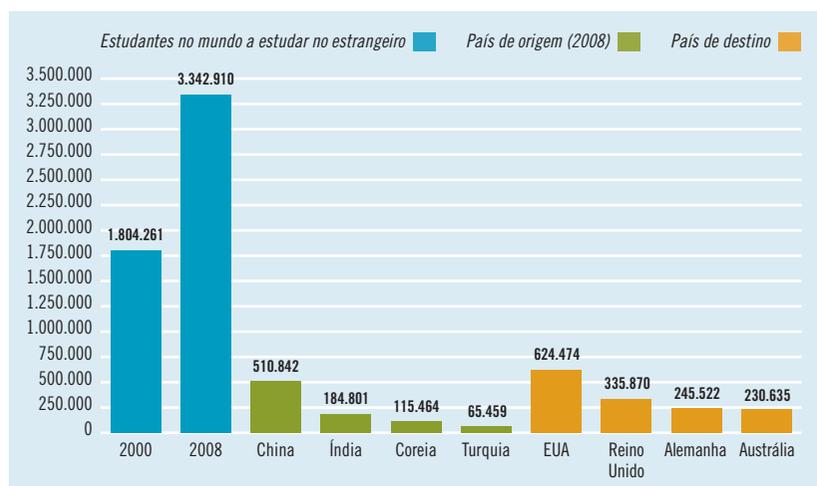
São eles a redução do abandono escolar precoce de 15 para 10 por cento, o aumento da percentagem de indivíduos entre os 30 e os 34 anos no ensino superior de 31 para 40 por cento, e assegurar emprego a 75 por cento da população entre os 20 e os 64 anos. O ponto de partida foi fixado com base nos dados do Eurostat respeitantes a 2009.

Em Portugal, a percentagem de jovens entre os 18 e os 24 anos sem o ensino secundário que já não se encontravam na escola, nem frequentavam qualquer tipo de formação, era de 31,2 por cento, um das três maiores da UE. No grupo dos 30 aos 34 anos, apenas 21 por cento tinha concluído o ensino superior. Para aumentar este contingente, o Governo português contratou com as instituições do ensino superior e politécnico que formassem mais 100 mil activos até 2013, o que deverá ser feito sobretudo através de cursos de especialização tecnológica (CETs), mestrados profissionais e do concurso especial de acesso para maiores de 23 anos. Também foi aconselhado o incremento do ensino à distância.

Para a concretização da estratégia “Europa 2020”, lançada em Junho de 2010, a União Europeia e os seus Estados membros deverão conseguir alcançar, na próxima década, ainda dois outros grandes objetivos: cumprir as metas do “pacote verde”, nomeadamente a redução em 30 por cento nas emissões de gases com efeito de estufa; e tirar 20 milhões de pessoas da pobreza.

### Referências bibliográficas

“Focus on Higher Education in Europe 2010: The Impact of The Bologna Process”, Eurydice, 2010; “Education at a Glance”, OCDE, 2010; “Generation Mobility”, ESN Survey 2007, International Exchange Erasmus Student Network, 2007; “Survey of the Socio-Economic Background of Erasmus Students”, Manuel Souto Otero, ECOTEC, 2006.



Número de estudantes no mundo a estudar no estrangeiro, os países de origem e de destino. Fonte: UE, OCDE.